

Chegou Pedro Tochas, o homem-espectáculo

COMÉDIA Tornou famosa uma água com gás e pôs na boca de todos a expressão «tou que nem posso». Participa nos maiores festivais mundiais de artes de rua e, em Portugal, esgota bilheteiras em menos de duas horas

Por Joana Palminha

Foi no Teatro da Trindade, onde amanhã, sábado, vai estrear o espectáculo *Já tenho idade para ter juízo*, que o SEXTA foi encontrar, acabado de chegar da Austrália, Pedro Tochas. Percebemos que nos últimos anos a sua vida tem sido assim: entre os palcos e as ruas do mundo. «Era impossível ter-me decidido por um dos dois.»

Muitos conheceram-no no grande ecrã através das campanhas da Frize. Participou em alguns programas televisivos e chegou a fazer rádio. Mas Pedro Tochas, na «busca do sonho» e «movido pela paixão», seguiu sempre rumo àquilo que o faria feliz. «Com um programa televisivo que me obrigasse a cumprir horários nunca poderia andar pelo mundo», explica.

Dos países que percorre chega cheio de histórias. Os seus olhos brilham da mesma forma quando fala das enormes plateias que conquistou no Canadá, Irlanda ou Suécia ou de uma actuação à chuva para 15 pessoas, na Austrália. Acredita que são estas experiências que lhe dão maturidade e inspiração para os palcos, onde o trabalho é diferente do desenvolvido na rua. «Já cheguei a estar quatro horas sem me calar em espec-



> «Com um programa televisivo nunca poderia andar pelo mundo», diz Pedro Tochas

Foto de Gonçalo Lobo Pinheiro/ASF

táculos de palco e na rua não falo.» Para Tochas, a *stand-up comedy* faz sentido na sua língua e no país cujo contexto conhece desde sempre. Ao mundo leva *O palbaço escultor*, espectáculo em que vai aperfeiçoando uma linguagem universal.

Tem uma legião de fãs com os quais partilha experiências na sua página pessoal (www.pedrotochas.com). Corresponde-se através de uma *newsletter* com cerca de seis mil pessoas em tom de conversa entre amigos. É por eles que volta e são eles que esgotam as salas

JÁ TENHO IDADE PARA TER JUÍZO

MAIOR DIGRESSÃO NACIONAL

5 e 12/19/25 e 26 Abril	Lisboa
2/4 de Outubro	Porto
11 de Outubro	Pombal
17 de Outubro	Loulé
18 de Outubro	Montijo
25 de Outubro	Santa Maria da Feira
31 de Outubro	Vila Real
6 de Novembro	Leiria
7 de Novembro	Portalegre
15 de Novembro	Braga
22 de Novembro	Lagoa
28 de Novembro	Torres Novas
29 de Novembro	Ílhavo

onde actua. «Nunca deixaria a malta que me apoiou desde o início», sublinha.

«Despertar a malta»

Quanto à comédia em Portugal, considera estar «a passar por um período melhor» mas há uma coisa que não entende: «Por que é que os comediantes têm que funcionar como equipas de futebol? Oiço as pessoas dizerem *eu sou por este*. Quando se gosta de comédia, vê-se comédia e cada comediante faz espectáculos de que se gosta ou não.»

Amanhã é a estreia mundial de *Já tenho idade para ter juízo*, espectáculo que já representou pelo menos 20 ve-

De engenheiro a comediante

Desde que percebeu a sua paixão pelos espectáculos de rua, Pedro Tochas abandonou o curso de Engenharia Química que frequentava na Universidade de Coimbra. Foi para os EUA, onde estudou malabarismo e comédia física, no Celebration Barn Theater. Estudou teatro físico no Circ-media-Academy of Circus Arts and Physical Theatre, em Inglaterra, país onde surgiu a sua paixão pela *stand-up comedy*. Voltou no ano seguinte para uma especialização mas, desta vez, com uma bolsa da Fundação Gulbenkian. Foi dos primeiros a fazer espectáculos de *stand-up* em Portugal e soma mais de dez peças originais.

zes. «Fico sempre para morrer antes de um espectáculo e penso: por que não acabei o meu curso de engenharia química?» O trabalho de Tochas é tão rigoroso e pormenorizado que antes de levar um espectáculo a uma grande sala, representa-o em espaços mais pequenos «até sentir que está afinado, que tudo resulta». A inspiração para os temas surge das suas vivências. «Um dia estava a queixar-me da falta de ânimo do pessoal. Até que um amigo me desafiou: por que não fazes qualquer coisa para despertar a malta?» E assim foi. *Já tenho idade para ter juízo* é o espectáculo mais positivo que fez. Quero que as pessoas saiam daqui com vontade de mudar as coisas.»

E quem melhor do que Pedro Tochas para o fazer? Alguém que sempre pôs os sonhos e as paixões num plano superior mas que não acredita haver uma idade para se ter juízo.

O mistério da enigmática letrista

No final de um concerto em Tondela, a banda foi abordada por uma fã que se ofereceu para escrever algumas letras para o grupo. «Ok, manda», foi a resposta que a Naifa deu a Maria Rodrigues Teixeira, contam os elementos da banda. Quando receberam os primeiros textos, perceberam que ela «tinha apanhado o fio, mas não havia material para um álbum»: «Pedimos para continuar a escrever», conta Luís Varatojo. «Ela apanhou o ambiente, a ironia que nos fica bem e nos caracteriza.» Foi assim que Maria Rodrigues Teixeira se tornou a letrista do terceiro álbum da Naifa. A «personagem-mistério», como lhe chama Mitó Mendes, quer continuar na sombra. Tem cerca de 30 anos, era publicitária e nunca publicou nada. Vive em Barcelona e não dá entrevistas.

A NAIFA TEM NOVO DISCO

Regresso da banda que gosta de ser diferente

A Naifa está de volta. Passados dois anos, *Uma inocente inclinação para o mal* marca o regresso da banda de Luís Varatojo e Mitó Mendes ao panorama musical português. Um disco que revela muitas curiosidades e mostra mais uma vez que o fado é a raiz da música portuguesa. O título do álbum funciona até como uma pequena provocação da banda. «Parece uma maldade, que é insistir em fazer música portuguesa.»

Luís Varatojo, o guitarrista, refere que o novo disco é composto por «14 pequenas histórias», mas que «deixa muito em aberto». Depois de *Canções subterrâneas* e *3 Minutos antes da maré encher*, a Naifa está de regresso com novas ideias. A banda quis marcar a diferença em relação ao passado.

«Há uma marca propositada, que é o facto de as letras serem escritas pelo



> Um projecto único e que mantém a identidade no novo disco

Foto de Pedro Cunha/PÚBLICO

mesmo autor», refere Mitó, a vocalista da banda. A escritora de serviço é Maria Rodrigues Teixeira, uma ilustre

desconhecida, que deu a sua inspiração para o conteúdo total do álbum. Nos discos anteriores, a Naifa tinha

letras de escritores portugueses, como José Luís Peixoto e Tiago Sousa.

Apesar desta inovação e marcante diferença, a identidade do grupo «foi descoberta no primeiro disco» e «é para manter até ao fim», conta o guitarrista da banda. *Filha de duas mães* é o *single* de avanço de *Uma inocente inclinação para o mal*.

A Naifa marca a diferença na música portuguesa. Muitos referem-se à banda como reinventores do fado. Contudo, Mitó Mendes e Luís Varatojo rejeitam esse rótulo. A vocalista diz que esse nunca foi o objectivo: «Nós fazemos música portuguesa, é normal irmos ao encontro do fado e do folclore. São as nossas raízes.» Luís Varatojo diz que esta fama da Naifa se deve ao facto de haver pouca gente nesta área. «Se houvesse mais pessoas a fazer música portuguesa como nós, não havia esta ideia que reinventamos o fado.» Serem diferentes faz com que Varatojo considere a Naifa «um bocado ET» — «Ninguém é igual a nós, mas não sei se é bom ou mau.»

J. M.